

O QUE PODE UM CORPO? UMA LEITURA SOBRE O DISPOSITIVO HIV-AIDS EM PUBLICAÇÕES DE CAIO FERNANDO ABREU

WHAT CAN A BODY DO? AN APPROACH ABOUT THE HIV-AIDS DEVICE IN
PUBLICATIONS BY CAIO FERNANDO ABREU

¿QUÉ PUEDE HACER UM CUERPO? UMA LECTURA SOBRE EL DISPOSITIVO VIH-SIDA EM
PUBLICACIONES DE CAIO FERNANDO ABREU

Bueno Souza^{*}

Universidade Federal de São Carlos

RESUMO: O presente artigo pretende realizar uma leitura sobre a presença do dispositivo do hiv/aids em publicações de Caio Fernando Abreu, partilhando um breve relato da pesquisa que vêm sendo desenvolvida no mestrado e considerações identificadas. Parece-nos que a análise da ocorrência do dispositivo hiv em duas diferentes publicações de Caio pode auxiliar em um mapeamento de certas regulações – sociais e políticas – relacionadas ao governo desses corpos no cenário brasileiro. Para tal, o *corpus* de análise se constitui das publicações: *Os dragões não conhecem o paraíso*, livro publicado em 1988, e as três *Cartas para além dos muros*, publicadas pelo mesmo autor em uma coluna do jornal *O Estado de São Paulo*, em 1994. Acredita-se que a forma como se escolheu nomear e circular discursivamente a insurgência do hiv na década de 1980 relaciona-se diretamente a uma escolha – e necessidade – de Caio Fernando Abreu de publicar textos sobre o assunto, de forma implícita e explícita, ocultando o máximo possível os termos pejorativos e buscando construir uma nova forma de se falar sobre aids e sobre si.

PALAVRAS-CHAVE: Dispositivo hiv-aids. Governo de si. Caio Fernando Abreu.

RESUMEN: Este artículo analiza la presencia del dispositivo VIH/SIDA en las publicaciones de Caio Fernando Abreu, presentando brevemente la investigación desarrollada durante su maestría y las consideraciones identificadas. Creemos que analizar la presencia del dispositivo VIH en dos publicaciones diferentes de Caio puede ayudar a mapear ciertas regulaciones, tanto sociales como

^{*} Jornalista. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Membro da equipe fundadora do coletivo de teatro Corpografias (UFSCAR). E-mail: buenobridge@gmail.com.

políticas, relacionadas con la gobernanza de estos organismos en el contexto brasileño. Para ello, el corpus de análisis consta de las publicaciones *Os dragões não conhecimento o paraíso* (Los dragones no conocen el paraíso), publicada en 1988, y *Cartas para além dos muros* (Cartas más allá de los muros), publicada por el mismo autor en una columna del periódico O Estado de São Paulo en 1994. Se cree que la forma en que se eligió nombrar y difundir discursivamente la insurgencia del VIH en la década de 1980 está directamente relacionada con la elección y la necesidad de Caio Fernando Abreu de publicar textos sobre el tema, tanto implícita como explícitamente, omitiendo los términos peyorativos en la medida de lo posible y buscando construir una nueva forma de hablar sobre el sida y el yo.

PALABRAS CLAVE: Dispositivo VIH-sida. Autogobierno. Caio Fernando Abreu.

ABSTRACT: This article aims to analyze the presence of the HIV/AIDS device in Caio Fernando Abreu's publications, sharing a brief account of the research being developed during his master's degree and the considerations identified. We believe that analyzing the presence of the HIV device in two different publications by Caio can help map certain regulations—social and political—related to the governance of these bodies in the Brazilian context. To this end, the corpus of analysis consists of the publications: *Os dragões não conhecimento o paraíso* (Dragons Don't Know Paradise), published in 1988, and *Cartas para além dos muros* (Cartes Beyond the Walls), published by the same author in a column in the newspaper O Estado de São Paulo in 1994. It is believed that the way in which the HIV insurgency was chosen to be named and discursively circulated in the 1980s is directly related to Caio Fernando Abreu's choice, and need, to publish texts on the subject, implicitly and explicitly, omitting pejorative terms as much as possible and seeking to construct a new way of speaking about AIDS and the self.

KEYWORDS: HIV-AIDS device. Self-government. Caio Fernando Abreu.

1 INTRODUÇÃO

O poder e a resistência são alguns dos principais objetos de análise, se não os principais, do filósofo francês Michel Foucault. Em suas obras, o autor apresenta os dois objetos como um jogo de forças que paralelizam campos subjetivos, concretos, práticos e discursivos. Interessa – e ele sempre reforça – observá-las: como se relacionam, de que forma é dada sua aplicabilidade, seu acontecimento. Por essa perspectiva, poder e resistência são entendidos como a linha condutora da retroalimentação de uma desgovernamentalidade de si, baseada em disputa normativa social na qual estamos todos envolvidos. O envolvimento social do governo de si com o poder e a resistência se dá, segundo Foucault (1996), no fundamento da construção das relações e práticas sociais, já impregnadas pelas disputas normativas, em grande escala, ignoradas pelo sujeito, que – inocente – imagina-se livre.

A subjetivação, embora interpelada de diversas formas e por diversos campos das práticas discursivas, parece-nos fruída. Este, que é o pensamento basilar de tantos trabalhos já desenvolvidos na Análise do Discurso, também será um norte de busca deste artigo. Isso porque pretendemos observar esse jogo entre poder e resistência, bem como a condição de uma liberdade de expressão e de uma governamentalidade de si livre.

Pretende-se, então, fazê-lo analisando o aparecimento do dispositivo hiv/aids em duas publicações de Caio Fernando Abreu, tendo em vista uma especificidade na forma como o escritor e jornalista brasileiro escolhe tratar o tema nas publicações específicas, qual seja evitando os termos hiv e aids e oscilando no caráter implícito e explícito sobre o tema e seu envolvimento com ele.

Parece interessante, portanto, a ideia de observar as formas como o autor escolhe cartografar esses jogos de poder e de resistência a partir tanto do acontecimento da epidemia do hiv quanto do desenvolvimento do dispositivo crônico da aids (Butturi Junior, 2016). A hipótese é de que essa escolha evidencie o desenvolvimento deste dispositivo dentro das relações de poder e de resistências, assim como os sentidos discursivos, sociais, práticos e políticos aos quais ele responderá ao longo dos anos, tomando-o, assim, a partir de Perlongher (1987), esse jogo de disciplinarização dos corpos, do desejo e da medicalização dos sujeitos.

Nesse sentido, nossa proposta não é uma exaustão das análises destas relações e imbricações, mas sim uma leitura das escolhas feitas por Caio na construção dessa memória pública e pessoal. Pretendemos, dessa forma, fazer uma descrição e análise arqueogenética (Foucault, 2005) dessa cartografia do dispositivo crônico da aids (Butturi Junior, 2016) em: *Os Dragões não*

conhecem o Paraíso e Cartas Para Além dos Muros, todas elas obras escritas e publicadas pelo autor brasileiro Caio Fernando Abreu, a primeira como livro, em 1988, e as demais como coluna no jornal *O Estado de São Paulo*, em 1994, e posteriormente como livro.

2 EPIDEMIA DAS SIGNIFICAÇÕES: O VÍRUS MORALISTA

A epidemia do vírus hiv surgiu, primeiramente, em 1982, segundo o Instituto Fiocruz (s.d., n.p), nos Estados Unidos, no Haiti e na África Central. É de extrema relevância aqui considerar o tempo – e os acontecimentos históricos, políticos e discursivos – prévios à irrupção da epidemia da doença. É necessário, neste sentido, reforçar que grande parte do mundo ocidental viveu, nas décadas de 60 e 70, uma aparição significativa de organizações de contra conduta, estimuladas por movimentos políticos e culturais que reivindicavam, sobretudo, direitos civis às mulheres e aos negros, liberdades de expressão e sexual. No Brasil, de 1964 a 1985, instaurou-se, através de um golpe, o regime político-militar autoritário e nacionalista da ditadura, que implementou no país atos institucionais que suprimiram, em seu ápice (AI- 5), os direitos civis, como o habeas corpus e a liberdade de expressão, institucionalizando, por essas vias, a tortura e os assassinatos como instrumentos de repressão do Estado sobre a oposição.

Desta forma, em 1982, quando desponta o vírus hiv, grande parte do mundo Ocidental experenciava o acontecimento das reivindicações de liberdades civis e expressivas, enquanto o Brasil ainda vivia seus anos de chumbo. Além disso, é necessário pontuar que, ainda que a ditadura civil militar tenha sido um período de extrema violência social e política no país, foi também um período de eclosão de diversos movimentos contrarrevolucionários e contraculturais, que resistiam às violências dessas forças de poder por meio da reivindicação tanto de seus direitos civis, quanto de suas liberdades de expressão e sexual. Lançaram-se à luta armada, por exemplo, organizações como a Ação Libertadora Nacional (ALN), o Comando de Libertação Nacional (COLINA), o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e também o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), movimentos estes que foram violentamente reprimidos, inclusive, com a morte de muitos de seus líderes.

Além deles, diversos artistas, jornalistas e escritores do país que se manifestavam através de publicações foram igualmente ameaçados e perseguidos. Muitos deles, como Gilberto Gil, Caetano Veloso e o próprio, Caio Fernando Abreu foram levados até mesmo para o exílio por conta da perseguição.

A rememoração do período histórico, tanto no cenário internacional quanto nacional, faz-se necessária para compreender que se tratava de um período em que a luta moral a respeito do governo de si (Foucault, 1996) era pautada em discussões que traziam o pecado e o pudor cristão como arguição dessas contracondutas apresentadas como forma de resistência. Com o surgimento da epidemia do hiv, tal argumento será reforçado e utilizado em uma perspectiva de castigo cristão.

A associação da aids com homossexualidade e moral produziu uma crença de que a aquisição da doença por parte dessas pessoas é consequência de um ato deliberado e, portanto, são culpadas. Já as pessoas portadoras de câncer tiveram a má sorte de desenvolvê-lo sem terem cometido nenhum ato consciente que o justificasse. Assim, em relação a essas duas doenças, passa a existir um grupo de culpados e outro de inocentes. Um que merece a própria doença e outro que é vítima dela. Um que mobiliza sentimentos de raiva e repulsa e outro que provoca pena e pesar. Claro que ambos os grupos sofreram um processo de exclusão, mas cada um com uma trajetória diferente, com proporções distintas de dor e preconceito. Da mesma forma que no passado e muitas vezes ainda hoje a sífilis estava associada com a prostituição, a aids, por um erro histórico, vincula-se fortemente aos homossexuais masculinos. (Ferreira, 2003, p. 15)

De acordo com o Cancer Research Institute (2014), a primeira notícia vinculada na mídia a respeito do hiv apareceu em 1981, publicada no jornal impresso *The New York Times*, com o título “Rare Cancer Seen in 41 Homosexuals”. Até então, ainda segundo o *Cancer Research Institute* (2014), acreditava-se ser a doença um tipo específico de câncer que afetava exclusivamente os homossexuais. A descoberta do vírus da imunodeficiência humana viria pouco tempo depois, construiria o nome aids e se desenrolaria em enunciados relacionados, de forma imbricada, às práticas homossexuais e ao pecado.

Paula Treichler, em sua publicação *AIDS, Homophobia, and Biomedical Discourse: An Epidemic of Signification* (1987), analisa a insurgência desses enunciados e dialoga sobre o surgimento da doença em uma perspectiva que ela nomeia como “*epidemia das significações da aids*”. Treichler (1987) faz esse movimento com o intuito de descrever uma explosão de enunciados, de metáforas e de representações que surgiram em resposta à epidemia da aids, incluindo a comunidade e as autoridades da medicina. A autora indica, ainda, a forma como esta escolha afetava – e ainda afeta – o modo como a sociedade percebia e respondia à doença.: “This epidemic of meanings is readily apparent in the chaotic assemblage of understandings of AIDS that by now exists. The mere enumeration of some of the ways aids has been characterized suggests its enormous power to generate meanings.” (Treichler, 1987, p. 32).

Doença dos cinco H's (Homossexuais, Hemofílicos, Haitianos, Heroinômanos e Hookers), Câncer gay, peste homossexual, rosa e sida foram alguns dos termos pejorativos que apareceram na esteira das nomenclaturas escolhidas para a imunodeficiência no Brasil. Os nomes e enunciados discursivos presentes nos arquivos de publicações deste tempo histórico do hiv/aids reafirmam, também no Brasil, o que Treichler assevera.

Falava-se em peste homossexual, vírus produzido em laboratório, em guerra bacteriológica entre potências mundiais (estávamos em guerra fria), doença misteriosa da África, sangue, saunas gays e darkrooms, promiscuidade, sexo anal, oral e grupal, drogas injetáveis e inaláveis, dentre muitos elementos que povoaram o imaginário popular da época. (Rodrigues; Penna, 2017. p. 1)

Em paralelo à ideia de Treichler (1987), Marcelo Bessa (1997) trabalhará sua análise dos discursos sobre o hiv/aids no cenário brasileiro a partir do termo *epidemia discursiva*, chamando a atenção, principalmente, ao arquivo de enunciados de mídia que emerge nesse momento. Daniel e Míccolis (1983) pontuam: “Ninguém poderá escrever a história da doença no Brasil sem recorrer ao noticiário da imprensa” (Daniel; Míccolis¹ apud Bessa, 2002, p. 21).

Para fins demonstrativos, anexamos alguns exemplos aqui:



Figura 1: Jornal da década de 1980

Fonte: Reprodução Jornal da Década (1983)

¹ DANIEL, H.; MÍCCOLIS, L. *Jacarés e lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.



Figura 2: Capa Notícias Populares

Fonte: Reprodução Jornal Notícias Populares (1983)

Revisitar o arquivo de alguns enunciados construídos nesse cenário já nos revela um certo jeito de se discursivizar um acontecimento específico, principalmente as crenças incrustadas e relacionadas a ele: “o castigo de Deus”. Susan Sontag (2007) desenvolveu um trabalho de análise das nomenclaturas atribuídas à aids e afirmou que essas metáforas apareceram realmente com o intuito de rotular a doença, não apenas como repulsiva e punitiva a certos corpos, mas também como representante de uma invasão, como pode ser observado nos enunciados apresentados acima.

Sontag (2007) analisa os arquivos com os quais as nomenclaturas escolhidas para se enunciar a aids se relacionam e, nessa medida, explicita o caráter pejorativo de como se optou por discursivizá-la, revelando o quanto essa forma de se dizer sobre a doença remete, na verdade, de forma proposital, a outras epidemias mundiais atravessadas pela história. Segundo a autora, termos como “peste gay” ou “rosa” eram uma espécie de reciclagem da peste negra, a qual colocava a aids como castigo àqueles que ameaçavam a sociedade com seus comportamentos promíscuos.

Butturi Junior, em seu artigo “O Hiv, o ciborgue, o tecnobiodiscursivo” (2019), esclarece o que se entende por **dispositivo crônico da aids**. Segundo o autor, “[...] a partir de uma consideração de Perlóngher (1987), o termo reflete sobre o acontecimento da aids e do hiv sob a lógica dos dispositivos na qual estão em jogo uma disciplinarização dos corpos e do desejo e a medicalização dos sujeitos e da população. Entre os dois dispositivos, aparecem os enunciados de cronicidade e inventa-se uma vida com hiv” (Butturi Junior, 2019, p. 9).

As análises de Butturi Junior (2019), Treichler (1987) e Sontag (2007) ressaltam ainda a necessidade de observação a respeito da ciência e das práticas científicas de criar nomenclaturas para patologias relacionadas ao vírus, construídas, por meio da linguagem, pelos discursos da medicina e da ciência: “we must explore the site where such determinations really occur and intervene at the point where meaning is created: in language” (Treichler, 1987, p. 32).

3 O QUE PODE UM CORPO?

Michel Foucault, em Microfísica do Poder (1996), ao refletir sobre a evolução da relação corporal entre as massas e o aparelho do Estado, lembra-nos que, em primeiro lugar, é preciso afastar uma tese muito difundida, segundo a qual o poder nas sociedades burguesas e capitalistas teria negado a realidade do corpo em proveito da alma, da consciência, da idealidade. De acordo com ele, “nada é mais material, nada é mais físico, mais corporal que o exercício do poder” (Foucault, 1996, p. 147).

Se é o corpo uma das peças importantes, senão essenciais, para a observação das transversalidades de forças que o atravessam, da mesma forma, é necessário avaliar o exercício do poder sobre ele. Ainda em Microfísica do Poder, Foucault nos lembra que:

Se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalcamento, à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. *Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz.* Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. (Foucault, 1996, p. 149, grifos nossos)

Desta forma, o autor francês destaca a complexidade de forças relacionadas às práticas cotidianas do poder e saber sobre o corpo, a partir da compreensão de que até mesmo um saber fisiológico nasce dessa relação, e de que a produção do conhecimento está diretamente relacionada à rigidez – do corpo e do poder. É nesse sentido que o autor chama a atenção para o enraizamento do poder, apontando que as dificuldades enfrentadas para se desprender dele vêm desses vínculos. Foucault (1996) destaca, ainda, que é por isso que a noção de repressão, à qual geralmente se reduzem os mecanismos do poder, parece muito insuficiente – e talvez até perigosa.

Néstor Perlongher (1987) trata o dispositivo como essa forma de descrever a epidemia da aids não apenas como o acontecimento de uma epidemia, mas considerando a moralização e o controle social que se constroem em torno desse acontecimento, evidenciando de que forma essa moralização e esse controle afetam as práticas sexuais e as identidades de gênero, especialmente entre as pessoas homossexuais. Neste sentido, Perlongher, mais do que Foucault, convoca-nos à percepção da relação imbricada entre a disciplina dos corpos, o controle da sexualidade (principalmente dos homossexuais) e o pudor no contexto da epidemia da aids.

Em um cenário brasileiro, como já mencionado, Butturi Junior (2016) utilizará o conceito “dispositivo crônico da aids” para observar o acontecimento da aids e do hiv sob uma lógica dos dispositivos, em que estão em jogo uma disciplinarização dos corpos e do desejo e uma medicalização dos sujeitos e da população. A perspectiva de Butturi Junior (2016) nos auxilia na leitura do acontecimento, à medida que reflete sobre as práticas discursivas e de construções possíveis de si a partir de um tecnobiodisco.

Foucault (1996), ao analisar a tríade de dispositivos da governamentalidade – segurança, governo e população –, levanta a discussão sobre **o que é governar?** Para tanto, o autor discorre acerca da publicação *O príncipe*, de Nicolau Maquiavel (1532), e de sua recepção, que, como destaca, não foi imediatamente abominada, mas sim reverenciada pelos seus contemporâneos. No entanto, enfatiza que também houve uma volumosa publicação anti-Maquiavel, a qual nos interessa.

O filósofo francês (1996) vai observar que estas publicações vêm, *grosso modo*, demonstrar que o príncipe está em relação de singularidade, de exterioridade e de transcendência com seu principado, e que os laços que os unem são de violência e de tradição, laços esses estabelecidos por um tratado de cumplicidade ou de aliança entre outros príncipes. Na medida em que se trata de uma relação de exterioridade, ela é frágil e estará sempre ameaçada, seja exteriormente, pelos inimigos do príncipe, que querem conquistar ou reconquistar seu principado, seja internamente, pois não há razão imediata, *a priori*, para que os súditos aceitem seu governo. “Deste princípio e de seu corolário, deduz-se um imperativo: *o objetivo do exercício do poder será manter, reforçar e proteger este principado*, entendido não como o conjunto constituído pelos súditos e o território, o principado objetivo, mas como relação do príncipe com o que ele possui, com o território que herdou ou adquiriu, e com os súditos” (Foucault, 1996, p. 279, grifos nossos).

Ligadas a este objetivo apresentado na obra de Maquiavel, estão as estratégias de governança, que têm como único objetivo garantir o poder do príncipe e de seu principado. “Nesse sentido, constrói-se uma lógica de governança que consiste na demarcação e na vigia dos perigos iminentes, bem como no desenvolvimento da arte de manipulação das relações de força que permitirão ao príncipe fazer com que seu principado possa ser protegido” (Foucault, 1996, p. 279).

Todo esse pensamento desenvolvido pelo filósofo francês visa a destacar que *O Príncipe*, de Maquiavel (1532), tem o objetivo essencial de produzir um príncipe com capacidade de conservar seu principado. Dessa forma, a literatura anti-Maquiavel surgirá da necessidade de uma substituição dessa premissa por uma arte de governar, a qual, por si só, é uma sugestão que não dialoga com a necessidade de se conservar um principado. Na verdade, Foucault (1996) desenvolverá uma série de pensamentos a respeito dos diferentes modos de governo existentes, como o de uma casa, de uma família, por exemplo, e trará para a discussão conceitos

desenvolvidos por La Mothe Le Vayer em uma série de escritos pedagógicos para Delfim, nos quais afirma existirem, basicamente, três tipos de governo: “*o governo de si mesmo*, que diz respeito à moral; *a arte de governar adequadamente uma família*, que diz respeito à economia; e *a ciência de bem governar o Estado*, que diz respeito à política” (Foucault, 1996, p. 280, grifos nossos).

Buscando compreender o dispositivo crônico da aids e seu funcionamento, buscaremos observar as publicações de Caio Fernando Abreu, considerando a relação entre os dispositivos da moral e do controle da sexualidade, bem como a forma como afetaram as práticas sexuais e de identidade, especialmente entre pessoas homossexuais, nessa construção de um governo de si que incide sobre tantos eixos de violência em sua existência.

4 CAIO FERNANDO ABREU E O HIV

Nos concentraremos na apresentação do jogo de poderes e resistências imbricados nas práticas discursivas sobre o hiv/aids desde o período de sua insurgência, em 1980, até meados da década de 1990. Esse recorte corresponde ao *corpus* específico sobre o qual nos debruçaremos, composto por publicações dos anos de 1988 e 1994. Se é na linguagem e na materialização dos diferentes nomes escolhidos para nomear a doença que precisamos nos atentar para pensá-la, pareceu-nos interessante observar Caio Fernando Abreu e sua estratégia de ocultar os termos em suas publicações que dialogam – direta e indiretamente – com o tema. Faz-se compreensível sua necessidade de construir uma nova forma de discorrer sobre o tema:

Alguma coisa aconteceu comigo. Alguma coisa tão estranha que ainda não aprendi o jeito de falar claramente sobre ela. Quando souber finalmente o que foi, essa coisa estranha, saberei também esse jeito. Então serei claro, prometo. Para você, para mim mesmo. Como sempre tentei ser. Mas por enquanto, e por favor, tente entender o que tento dizer. (Abreu, 1994)

As cartas escritas por Caio durante a sua internação no hospital de infectologia Emilio Ribas e publicadas no jornal *O Estado de São Paulo* em 1994, nas quais torna pública sua soropositividade, ressaltam a forma como o autor escolheu iniciar o diálogo sobre seu objeto, ocultando-o. Nesse caso, “alguma coisa” representa o diagnóstico da doença, que Caio só nomeará na segunda carta publicada em sua coluna, um dos únicos momentos em que se encontra a palavra aids nos textos do *corpus* analisado. Interessante perceber que a escolha de uma utilização mínima dos termos no texto permite ao autor a construção de novas formas de discursivizar o acontecimento.

É interessante notar que, apesar de a temática da aids estar presente em tais obras de Caio, a sua produção literária é marcada por poucas menções expressas nas siglas, hiv e aids, que quase sempre aparecem de forma elíptica e sugerida. Tal recurso, como defende Bessa (2007, p. 115), consistia numa forma de conferir à doença novas percepções e imagens, afastando-se dos estereótipos e preconceitos então recorrentes. (Rodrigues; Penna, 2017, p. 9)

Da mesma forma que Caio Fernando Abreu decide utilizar o recurso de novas percepções sobre a doença, evitando os estereótipos em certos momentos, ele os abraça de outras maneiras. O que nos interessa aqui é perceber o quanto o autor desliza entre a recusa e a aceitação de um diagnóstico, não em uma perspectiva prática, mas na impressão da cartografia desse sujeito que se percebe, de repente, atravessado por um diagnóstico que, à época, constituía-se em uma pena de morte, mas também em uma exclusão e linchamento social. Nesse sentido, seu destino seria a materialização da relação com essa engrenagem de exercícios de poder sobre seu próprio corpo, sobre sua própria existência.

Não quero falar de podres poderes. Há coisas mais graves no ar. São Paulo atualmente é uma cidade tomada pela paranoia da aids. Pelo menos na faixa de gente-como-a-gente: essa parcela mínima da população que não só come e mora (coisa rara), como ainda por cima lê, vai ao cinema, essas coisas. Conheço pessoas que não se tocam mais. O que é que se faz quando aquilo que era possibilidade de prazer – o toque, o beijo, o mergulho no corpo

alheio capaz de nos aliviar da sensação de finitude e incomunicabilidade – começa a se tornar possibilidade de horror? Quando o amor vira risco de contaminação? (Abreu² apud Bessa, 2002, p. 120)

Nosso desejo, então, é o de avaliar as decisões nas publicações do autor, datadas dos anos de 1988 e 1994, por suas dispersões de gênero e pela narrativa textual, em que uma é um livro de contos e a outra cartas autobiográficas em sua coluna no jornal, nesta opção de criar uma nova forma de dizer sobre a aids.

Caio foi um dos primeiros autores brasileiros a citar a palavra aids em sua obra, na novela “Pela noite”, incluída no livro *Triângulo das águas*, em 1983 [...]. Na obra de Caio, é recorrente a ideia de dificuldades ou mesmo impossibilidade de consumação da realização amorosa. Caio escrevia sobre o hiv a partir de uma compreensão de dupla epidemia, a do corpo e a psicológica, evidenciada pela onda de paranoia, preconceito e isolamento social gerados a partir da experiência do corpo atravessado pelo diagnóstico da aids. (Rodrigues; Penna, 2017, p. 5, grifos nossos)

O livro *Os Dragões não conhecem o Paraíso* foi publicado em 1988, ano em que o Brasil atravessava um importante processo de redemocratização, inclusive, com a criação e a publicação da Constituição Nacional Brasileira e da Assembleia Nacional Constituinte. Segundo Abreu (1988), o livro de contos que aborda temáticas como o amor, o sexo e a morte poderia ser interpretado como um romance-móbile que revelaria uma outra coisa:

Se o leitor quiser, este pode ser um livro de contos. Um livro com 13 histórias independentes girando sempre em torno de um mesmo tema: amor. Amor e sexo, amor e morte, amor e abandono, amor e alegria, amor e memória, amor e medo, amor e loucura. Mas se o leitor também quiser, este pode ser uma espécie de romance-móbile. Um romance desmontável onde essas 13 peças talvez possam completar-se, esclarecer-se, ampliar-se ou remeter-se de muitas maneiras umas às outras, para formarem uma espécie de todo. Aparentemente fragmentado mas, de algum modo suponho completo. (Abreu, 1988, p. 4).

A indução inicial revela um desejo de dizer sem dizer sobre algo que se revelará de melhor forma a partir da leitura dos textos. Tal desejo se dá a ver na falta de coragem de dar uma notícia à mãe no primeiro conto *Linda, uma história horrível*; na discursividade esdrúxula da corporificação dos jogos de poder e resistência sobre os diagnosticados com aids em *Dama da Noite, um conto de Caio Fernando Abreu*; no silêncio e na imobilidade revelados em *Sem Ana, Blues*; no saudosismo do amor de infância de *O destino desfolhou*, ou ainda na ideia de expansão, complexidade e liberdade de *À beira do Mar aberto*, todos contos que compõem o livro (Abreu, 1988).

Nas cartas, além de uma continuidade a respeito de uma nova forma de dizer sobre o hiv/aids, Caio revela uma outra necessidade: a de trazer a público sua condição e partilhá-la de forma íntima, com suas próprias palavras. Importa-nos, como apontado no início do trabalho, pensar as condições e necessidades que levaram o autor a essas publicações, e nos parece que elas estão diretamente relacionadas com o que Treichler (1987), Sontag (2007) e muitos outros pesquisadores discorrerão a respeito de um moralismo que constrói, em torno do acontecimento do hiv/aids, de 1980 a 1990, uma epidemia das significações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por hora, relacionando de forma ainda rasa as publicações de Caio Fernando Abreu com análises de Butturi Junior (2016) e de Foucault (1996) sobre os jogos de poder e resistência e sobre o surgimento do dispositivo crônico da aids, nesta medida da relação de vigilância e de moralidade sobre os corpos, nos desejos e nas práticas sexuais, parece-nos que existe uma relação direta com a escolha do autor pela construção de uma forma de dizer sobre a aids que se opunha a essa visão dominante de práticas discursivas em uma escrita que parece buscar reorganizar as ordens pré-estabelecidas pelos discursos circulantes sobre esse acontecimento e

² ABREU, C. F. Duas ou três coisas sobre os anos 80. *Jornal do Brasil*, São Paulo, 02 jun. 1985.

que devolve, desta forma, não só o poder de construção discursiva ao autor, mas também uma autonomia do governo de si e de suas práticas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. F. *Os Dragões não conhecem o paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ABREU, C. F. Cartas para além dos muros. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 21 ago. 1994.
- ABREU, C. F. Cartas para além dos muros. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 04 set. 1994.
- ABREU, C. F. Cartas para além dos muros - O Estado de São Paulo, São Paulo, 18 set. 1994.
- BESSA, M. S. *Histórias positivas: a literatura (des)construindo a AIDS*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BESSA, M. S. *Os perigosos: autobiografias & AIDS*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- BUTTURI JUNIOR, A. As formas da subjetividade e o dispositivo da aids no Brasil contemporâneo: disciplinas, biopolítica e phàrmakon. In: QUINO, V. C.; CRESTANI, L. M.; DIAS, L. F.; DIEDRICHM, M. S. *Língua, literatura, cultura e identidade: entrelaçando conceitos*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2016. p. 59-78.
- BUTTURI JUNIOR, A. O hiv, o ciborgue, o tecnobiodiscursivo. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 58, n. 2, p. 637-657, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/KgpnJBsDxVskHPqbLDc3FBp/?lang=pt>. Acesso em: 23 mai. 2022.
- CANCER RESEARCH INSTITUTE. *When AIDS was a Cancer*. Disponível em: https://www.cancerresearch.org.translate.goog/blog/when-aids-was-a-cancer?_x_tr_sl=en&_x_tr_t=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc. Acesso em: jan. 2025.
- FERREIRA, C. V. de L. *AIDS e a exclusão social: um estudo clínico com pacientes com HIV*. São Paulo: Lemos, 2003.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 2005.
- INSTITUTO FIOCRUZ. O vírus da AIDS, 20 anos depois. Disponível em: <https://www.ioc.fiocruz.br/aids20anos/linhadotempo.html>. Acesso em: jan. 2025.
- JORNAL LUTA DEMOCRÁTICA. *Aids é o castigo de Deus*. 1983. Disponível em: <https://empoderadxs.com.br/2018/12/01/a-epidemia-do-preconceito-a-trajetoria-do-hiv-aids-no-brasil/>. Acesso em: jan. 2025.
- JORNAL NOTÍCIAS POPULARES. *Descoberto vírus que mata gays*. 1983. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/29149-aids-no-np>. Acesso em: jan. 2025.
- PERLONGHER N. *O que é a AIDS?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- RODRIGUES, D.; PENNA, J. Literatura e hiv/aids: reflexões sobre a era pós coquetel. *Z Cultural: Revistas do programa avançado de cultura contemporânea*. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://revistazcultural.pacc.ufrj.br/wp->

content/uploads/2017/03/LITERATURA-E-HIV_AIDS_-REFLEX%C3%95ES-SOBRE-A-ERA-P%C3%93S-COQUETEL-%E2%80%93-Revista-Z-Cultural.pdf. Acesso em: jan. 2025.

SONTAG, S. *Doença como metáfora: aids e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TREICHLER, P. A. AIDS, Homophobia and Biomedical Discourse: An Epidemic of Signification. *Cultural Studies*, n.1, p. 263-305, 1987.



Recebido em 07/02/20205. Aceito em 01/05/2025.

Publicado em 25/09/2025.